



# A TRAÇA

*Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)*



*Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)*

## Apresentação

Neste número, trazemos informações sobre o ofício de historiador/a, e seu método de trabalho. Para quem é da área de História, são conhecimentos básicos, mas imprescindíveis para a compreensão de como a História é escrita, de tipos de documentos, de problematizações e de princípios que orientam a pesquisa. Em tempos em que tantas opiniões sem fundamentação circulem, sobre o passado e diversos contextos históricos, misturadas a um revisionismo negacionista, é fundamental que haja esse tipo de esclarecimentos para um público mais amplo, que o da própria História. Esperamos que sejam úteis para melhor compreensão de como se escreve a História, com método, de forma fundamentada e crítica.

## NESTE NÚMERO

### DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

INTRODUÇÃO AO  
CONCEITO DE  
DOCUMENTAÇÃO E DA  
HISTÓRIA ENQUANTO  
CIÊNCIA.

### TIPOS DE DOCUMENTAÇÃO

VISITA ÀS MUDANÇAS DE  
PERSPECTIVAS DA  
HISTORIOGRAFIA

CUIDADOS COM A  
SUBJETIVIDADE NA  
HISTÓRIA

A DOCUMENTAÇÃO NA  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

# DIVULGAÇÃO

Lançamento do E-book "A Teia das Coisas" - cultura material escolar e pesquisa em rede.

Organização:

Andréa Bezerra Cordeiro

Gecia Aline Garcia

Ana Paula de Souza Kincheski

Júlia Naomi Kanazawa

O livro é fruto do trabalho cooperativo, da amizade e da interlocução intelectual entre grupos de pesquisa do Brasil em torno do tema da História da Educação e da Cultura Material Escolar. O projeto Grupos de Pesquisa e Experiências sobre Cultura Material Escolar, coordenado pelos professores Gizele de Souza, Andréa Cordeiro e Marcus Levy Bencostta e, financiado pela PRPPG - UFPR, reuniu pesquisadores de todas as regiões do Brasil: norte, nordeste, sudeste, sul e centro-oeste (UFPR, UDESC, UFSC, UNICAMP, UFPel, UNB, UFMA, UFAC, IFC). No bojo desse projeto foi gestado "A Teia das Coisas"



Seguindo a proposta de trabalho em rede, apresentaremos aqui, materializadas pela escrita, ações e produções desenvolvidas no seio de grupos de pesquisa de referência no Brasil, fortalecendo a rede de pesquisadores e universidades em torno do tema da cultura material escolar e empreendendo o instigante e restaurador propósito de seguirmos juntos e juntas produzindo conhecimento e buscando sentido em meio às contingências dos turbulentos anos de 2020 e 2021. O e-book é de acesso livre e está disponível para download no seguinte link:  
<https://nepie.ufpr.br/e-book-a-teia-das-coisas-cultura-material-escolar-e-pesquisa-em-rede/>

Boa leitura

# DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO E SUAS CONEXÕES COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

PROPONENTE PRINCIPAL DESTA MATERIAL: CEZAR AUGUSTO OLIVEIRA CAMPARIM

Neste boletim, os temas apresentados serão a documentação e os cuidados básicos para a sua análise, e suas conexões com a história da educação. Não é novidade, A Traça vêm tratando de documentação histórica desde sua primeira publicação, principalmente referente à sua preservação, como de livros, fotografias, arquivos escolares, e até arquivos pessoais, assim como apresentando um pouco dos centros que tem por objetivo preservar esta documentação tão valiosa, como os centros de memória e os museus escolares. Entretanto, surge a dúvida, o que é essa documentação histórica que tanto falamos sobre? Desde quando o documento histórico é um documento histórico? Como até arquivos pessoais podem ser fontes históricas? E como a documentação está presente na história da educação?

Bom, estas não são perguntas novas, muito menos perguntas bobas, tal coisa não existe, então como um guia rápido sobre o conceito de documentação histórica, e a sua própria história (de maneira breve), apresentaremos o tema, e diferentes perspectivas ao redor do tempo, assim como ótimas recomendações para os mais interessados.

---

## UMA BREVE INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE DOCUMENTAÇÃO E DA HISTÓRIA ENQUANTO CIÊNCIA.

“Em síntese, documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita” (TOTSCH; KARNAL. 2011, p. 24). De uma maneira direta, a conceituação feita pelos historiadores Flávia Totsch e Leandro Karnal podem nos dar uma “luz no fim do túnel”, mas ainda há muito a esclarecer: o que quer dizer diálogos entre o presente e o passado? Que subjetividades são essas citadas? Por que é importante deixá-las explícitas?

Para responder a estas perguntas e compreendermos realmente esta conceituação precisamos entender a teoria por trás da mesma, ou seja entender o que é e como a história procura, para assim entender por que ela procura nas documentações.

Flávia e Leandro nos falarão da história a partir da teoria francesa da primeira metade do século XX, que se denomina como "Nova História", ou a escola dos Annales. Essa linha historiográfica, nasce através de dois importantes historiadores, Lucien Febvre e Marc Bloch, concebida em sua revista Annales d' histoire économique et sociale. Ambos os historiadores e outros participantes iniciaram uma metodologia de história no mínimo diferente em relação ao paradigma historiográfico de sua época o qual chamaremos aqui de "paradigma tradicional", como denominado por Peter Burke (BURKE. 1992, p. 10). Assim, por uma nova via, Marc Bloch inova com um conceito de história que nos aponta uma perspectiva necessária para a compreensão do que é documento, em suas palavras:

"Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. digamos melhor: os homens, que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade, por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça." (BLOCH, 2001)

Ou seja, se a história, enquanto ciência, deve compreender o homem - e as mulheres, em sua diversidade, a documentação deve compreender também as pessoas na busca de rastros para suas respostas. Assim, cabe como documentação tudo aquilo que o historiador consiga usar para compreender as pessoas, sendo utilizada como um fragmento do passado no qual nos baseamos para construir nossas hipóteses e deduzir nossos diagnósticos.

## TIPOS DE DOCUMENTAÇÃO

A partir desta visão podemos compreender a documentação histórica como um campo vasto, afinal de contas estes fragmentos vêm em diferentes formatos e aparecem de diferentes maneiras, nem sempre da maneira mais fácil, dependendo da criatividade e das perguntas do pesquisador para conseguir extrair algo desta fonte, mas, de certa maneira, podemos apresentar aqui uma possibilidade de tipologia desta documentação, proporcionando uma visão mais palpável destas fontes:

### ICONOGRÁFICOS

Aqui são contempladas desde gravuras à fotografias, registros como desenhos e suas variações



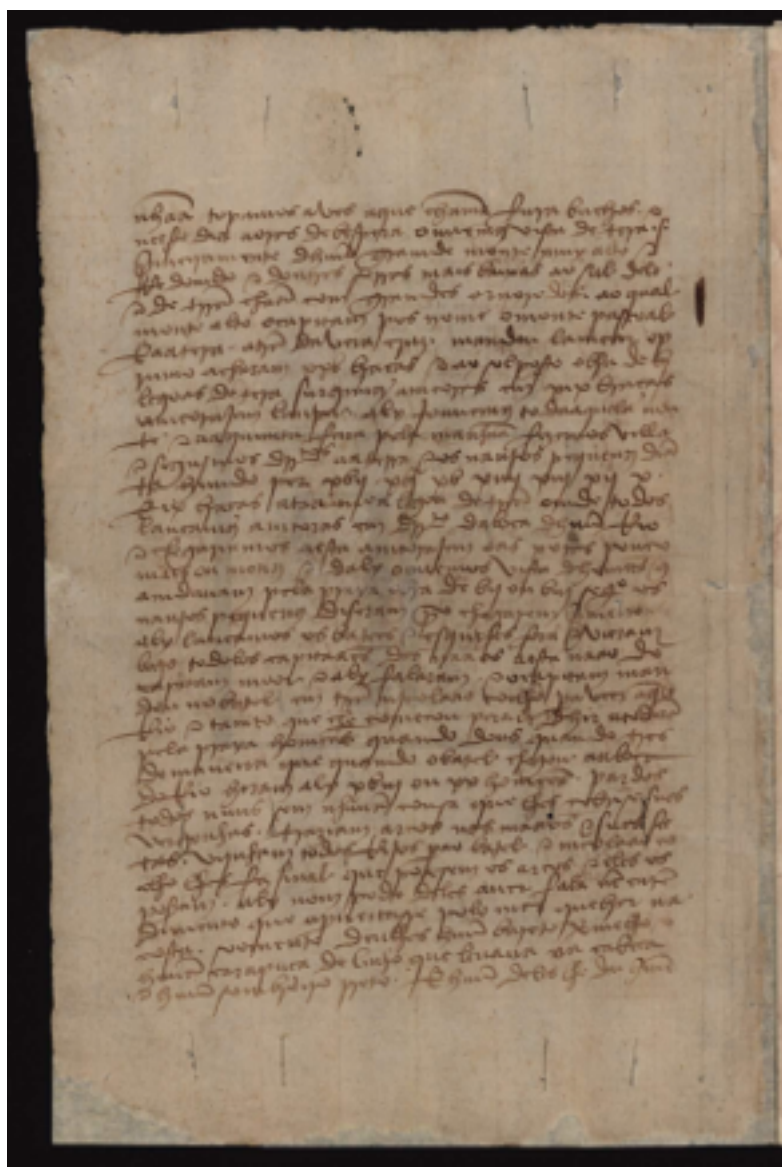
Os vestígios iconográficos passaram por uma forte mudança em seu uso após a revolução documental (será discutido daqui a pouco). Passando de uma documentação complementar, já que deveria ser acompanhando de uma documentação escrita, para um registro do passado com equivalente importância, dependendo de seu conteúdo e usos. Atualmente os vestígios iconográficos podem ser objeto de análise por si só, apresentando uma visão exclusiva de seu tempo, porém requisitam seus próprios cuidados e métodos de crítica em sua análise.

CHRISTIANO JÚNIOR, José (1832-1902): Dois escravos se cumprimentando, ca. 1865. Álbumen e cartão de visita. Rio de Janeiro (RJ), Museu Histórico Nacional. Disponível em: - <http://brasilindependente.weebly.com/fontes-visuais.html>

## ESCRITOS:

Estes se referem à toda documentação escrita, independente de sua origem, podendo ser desde documentos oficiais, até cartas amorosas;

A documentação escrita se consagrou como o principal documento de análise da historiografia pela maior parte da produção acadêmica de historiografia, se destacando em uma hierarquia de fontes criada na formação da história como disciplina. Atualmente a mesma ainda é uma das documentações mais comuns de uso pelo historiador, porém com a queda de uma hierarquia e a compreensão de que a mesma possui um caráter subjetivo a documentação escrita não é mais considerada como de maior ou menor relevância por si mesma.



A CARTA DE PÊRO VAZ DE CAMINHA [ed lit.]. Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, coord. Joaquim Romero Magalhães, João Paulo Salvado, rev. José Virgílio Pissarra. Lisboa : C.N.C.D.P., 2000. Exemplar existente na Torre do Tombo, Biblioteca, 358/07. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4I85836>

## MATERIAIS:

Vestígios materiais correspondem a qualquer fragmento do passado que ainda esteja em sua forma material, desde de construções e roupas às lascas de vasos e moedas;



Ânfora ática de figura  
negra. 550 - 525. A.C.  
Disponível em:  
[http://www.comune.bologna  
.it/archeologico/sfoglia/  
47681/offset/16/id/2089/](http://www.comune.bologna.it/archeologico/sfoglia/47681/offset/16/id/2089/)

Assim como a história oral, a história da cultura material perpassa por outras disciplinas, como a arqueologia, a qual encontra nas fontes materiais sua principal documentação de análise do passado. Os usos dos vestígios materiais e até mesmo o que pode se compreender como um vestígio material são diversos, dependendo do que é de interesse para objeto de análise do pesquisador. Na história da educação a cultura material tem enorme importância nos ajudando a ter uma melhor noção do ambiente, a mentalidade e diversas outras informações sobre os sujeitos do passado.

## AUDIOVISUAIS:

Estes podem ser tanto divididos em duas categorias diferentes, entre a documentação sonoras e visuais, ou compreendidos em uma mesma categoria. Compreende diversas mídias como filmes e músicas, e toda a variedade de vestígios a elas relacionados.



Gravador Phillips em 1967.

Fonte:

<https://web.archive.org/web/20141009115343/http://economia.estadao.com.br:80/blogs/reclames-do-estadao/chegou-o-gravador-k7/>

Assim como as outras documentações, os recursos audiovisuais sofrem de uma forte subjetividade, retratam aquilo que o autor quis expressar, seja um musicista ou um diretor. Porém, com o devido método estas mídias podem nos revelar importantes perspectivas e opiniões sobre seu próprio tempo. Seja direta ou indiretamente, onde certos costumes e modos culturais podem ser observados, promovendo possíveis interesses culturais e de outras esferas a serem encontrados nos vestígios audiovisuais, mesmo que estes não façam referências a acontecimentos especificamente tomados como "históricos".

Deve-se ter em mente, entretanto, que com uma grande variedade de fontes, um importante requisito para traçar a pesquisa histórica se impõe: a pergunta. A pergunta feita pelo historiador é o que define quais documentos buscar, qual problema ele vê que ainda não foi solucionado, ou quais perguntas deixaram de ser feitas aos documentos disponíveis e quais campos precisam de uma nova perspectiva. É esta importância na pergunta que transforma a definição de história e consigo a definição de documentação no século XX, e uma transição de uma história tradicional para novas perspectivas.



Gradiente System 95.

Fonte:

<https://vintage7080.blogspot.com/2016/10/gradiente-5I-system-95-e-I25.html>



Cartaz referênte ao filme "O Encouraçado Potemkin" (1925), de Sergei Ensenstein. Disponível em: - <https://www.imdb.com/title/tt0015648/mediaviewer/rm819452160/>

# UMA BREVE VISITA ÀS MUDANÇAS DE PERSPECTIVAS DA HISTORIOGRAFIA

Como dito anteriormente, é a partir das perguntas feitas pelo historiador que será definido onde achar essas respostas. Esta ideia nos ajuda a compreender as mudanças da historiografia a partir do século XX. O paradigma tradicional da história, característico do século XIX e por ter conquistado o espaço acadêmico e sua condição de Ciência, ficou marcado por uma proposta à objetividade e à imparcialidade, esta visão de verdade marca todo o seu método, assim como suas perguntas, definindo seus documentos.

Vale a pena, colocar aqui, a diferença entre historiografia e passado: à historiografia nos referimos aos escritos que se referem ao passado, ou seja o trabalho de descrição de um tempo, de uma imagem concebido por um sujeito, o historiador. Já referente ao passado, compreende-se o tempo que decorreu, aquele que não se repete e que se manifesta no espaço, alheio às visões subjetivas de terceiros

Esta história tradicional, que se dizia imparcial, alinhando-se à uma abordagem próxima das ciências naturais, buscou por certo tempo a construção dos imaginários e das tradições nacionais, exaltando símbolos que os representassem e pesquisando em documentos que respondessem as perguntas nacionalistas impostas a estes. Sendo perceptível uma grande aproximação de fontes oficiais, como arquivos e escritos emitidos por figuras relevantes de dentro de um sistema estatal, além de uma forte hierarquização das mesmas, privilegiando as fontes escritas e marginalizando outras documentações, nas quais não se via muita utilidade. Claro, aí está presente o papel da pergunta. Se o objetivo desta história tradicional era a consolidação de Estados nacionais, os documentos oficiais responderam estas perguntas, tornando-os, consequentemente, mais importantes.

Dito isso, é com as inovações e mudanças sociais do século XX que este paradigma se altera, com uma forte mudança de contexto, como, a consolidação dos Estados nacionais, a ascensão de ideologias extremas como o fascismo, a História como uma disciplina mais consolidada no meio acadêmico e principalmente uma relativização do conceito de verdade histórica. Diferentes correntes históricas, neste contexto, também fazem uma maior relativização da objetividade das fontes. “Talvez a mudança mais expressiva do documento não esteja num novo objeto, mas num novo estatuto epistemológico da “verdade” (ou do verossímil) no documento” (TOTSCH; KARNAL. 2011, p. 16).

O que esta nova relativização deixa clara é a subjetividade nas duas pontas da pesquisa histórica, tanto do pesquisador, quanto das fontes, ou seja, o papel do historiador se transforma, compreendendo as diferentes visões como diferentes construções narrativas, sem uma dualidade absoluta entre verdadeiro e falso, tanto no documento quanto na historiografia. Antes, em uma historiografia tradicional, o historiador era colocado como uma ponte entre a fonte e o leitor, como alguém que dá a voz à fonte, que falaria por si própria, sem a mediação de um terceiro. Após estas mudanças no estatuto da história e historiografia nos questionamos se essa neutralidade seria sequer possível. “A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional (...)” (BURKE. 1992, p. 10).

Consequente, a Nova história buscará uma nova documentação a ser trabalhada, ou um novo olhar sobre velhas fontes. Os documentos oficiais não bastavam mais para responder suas perguntas, por que os historiadores já não se preocupavam apenas com uma história que compila acontecimentos e personagens. “[O]s historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos” (Ibid. p, 12), mas a nova história se preocupa com a compreensão dos seres humanos em suas estruturas, sua cultura, particularidades e as características que os definem como um grupo. É por esses novos olhares que é incentivada durante o século XX, mais proeminente nos anos 60, a chamada “revolução documental” (LE GOFF. 2013), com a busca por novas fontes que apresentassem pistas para as novas perguntas, provocasse novos olhares sobre fontes já analisadas, em busca de novos objetos de estudo, agora não mais os Estados nacionais, mas o ser humano e suas estruturas, como é feito no método onomástico de Carlo Ginzburg ( ver: GINZBURG. 2006), por exemplo.

## A SUBJETIVIDADE NA HISTÓRIA E OS CUIDADOS QUE ESSA TRAZ

Existe algum grau de subjetividade no ofício do historiador e em suas fontes? Começando pelo historiador, e tomando Jenkins como referência, podemos achar uma resposta, que resvala na ideologia e nas diferentes visões de mundo. “Para mim, o que em última análise determina a interpretação está para além do método e das provas - está na ideologia” (JENKINS. 1991). A ideologia, neste caso, refere-se à visão de mundo do pesquisador, que de alguma maneira terá influência sobre os métodos que o historiador irá usar, as perguntas que fará e as motivações de seus interesses na formulação dos problemas que investigará. É, portanto, onde reside o espaço para a interpretação do mesmo, em outras palavras, funciona também como “lentes” através das quais o historiador enxergará sua pesquisa.

A ideologia está, por tanto, intrínseca à figura do historiador, pois o mesmo é em si histórico, ou seja pertence ao seu tempo e às contingências de seu contexto. Quando o contexto muda e os conceitos são abalados, novas lentes surgem, para responder novas perguntas.

Para além da ideologia, também vemos um tanto de subjetividade no método que o historiador utiliza. Nesse sentido, a escolha do método que o historiador irá aplicar em seu objeto dependerá do que ele procura. Diferentes métodos podem explicar diferentes aspectos da sociedade ou do indivíduo, um historiador pode ter uma eficácia maior por uma análise estrutural das relações sociais, outro pode ter um resultado melhor analisando a mesma cultura por uma perspectiva pós-moderna, ou analisando os conflitos de gênero. Essas visões não estarão sendo, necessariamente, uma verdadeira e outra falsa pois, a verdade, única e absoluta já é considerada inalcançável. Perspectivas diferentes e metodologias diferentes explicam campos e escopos diferentes do passado.

Mas é claro, essa relatividade e subjetividade tem limite, este se encontra no rigor teórico nas análises e nas fontes, que irão delinear as teses e ideias que temos sobre o passado. Nesse sentido o documento funciona como um tipo de "lastro", que precisa ser analisado com cuidado, pois também carrega um tanto de subjetividade.

#### A FONTE ENQUANTO UM MATERIAL SUBJETIVO:

Além da subjetividade do historiador temos de lidar com a subjetividade das fontes. Primeiramente precisamos entender que a fonte é sempre apenas um vestígio de um passado, ou seja, fragmentos, como pedaços de uma pintura que um dia foi completa, mas que no tempo do historiador já estará despedaçada, faltando uns pedaços aqui e outros ali. Le Goff nos fala do documento como monumento: "o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias" (LE GOFF, 2013). O que Le Goff nos apresenta é uma visão do documento enquanto uma construção, conservada pelo passado e que chega até o presente na forma de documentação. Ou seja, os fragmentos que vemos da pintura do passado são apenas aquelas partes da pintura que viu-se valor em preservar, ou que, porventura, sobreviveram escondidas em um sótão empoeirado.

Aqui se coloca o primeiro problema da análise da documentação: o historiador não pode admirar a documentação e apenas aceitá-la como uma figura completa e verdadeira do passado. Muito pelo contrário, deve exercer sobre ela uma profunda crítica, comparando com outras documentações e analisando-as tendo consciência de suas construções sobre ela, compreendendo que a mesma é um recorte imaginário do que um dia foi seu contexto de criação, "só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa" (Ibid.)

Além disso, a subjetividade das fontes reside no seu valor para o historiador e na sua conexão entre os tempos. O documento histórico, como discutido até aqui, ganha importância e a característica de documento também a partir do valor que o historiador dá pra ele. Nessa lógica, ele não tem valor como fonte histórica por si mesmo, precisando ser significado pelo olhar do historiador.

Vemos aqui então uma decisão do historiador sobre o que passar para frente e o que vale discutir, é nesse sentido que decidir qual documento deve ser usado e quais devem ser preservados acaba também por decidir quais memórias serão preservadas: “discutir o que consideramos um documento histórico é, na verdade, estabelecer qual a memória deve ser preservada e qual o estatuto da própria história” (TOTSCH; KARNAL. 2011).

---

## A DOCUMENTAÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Na história da educação podemos ver presente os elementos das fontes históricas discutidos até aqui, como o da pergunta. Das novas perspectivas geradas pelas novas perguntas, surgem e se revigoram novos campos, como a história da educação.

Neste quesito há uma grande gama de possibilidades e problemas a serem investigados pela história da educação, que tem se valido de fontes variadíssimas, de todas as tipologias aqui já expostas. Dentre as possibilidades de fontes encontram-se os vestígios do que a escola produz e agrega: atas de diferentes reuniões e conselhos, livros de cadastro e de matrículas dos alunos, atas de exame, regulamentos internos, vestígios materiais em sua enorme variedade, correspondências, produções de alunos, etc. O campo atual da história da educação abrange uma enorme variedade de temas de estudo mobilizando estas diferentes documentações, desde, por exemplo, uma aproximação cultural, optando por uma visão dos/das estudantes ou da constituição da profissão docente (FRANÇA, 2009), até uma aproximação mais política optando por uma documentação que demonstre as relações entre a escola e a etiqueta imposta pela ditadura militar, por exemplo (ALMEIDA, 2019).

Todas estas diferentes abordagens serão feitas através da problematização da documentação, inclusive desses documentos até recentemente nunca explorados, presos na concepção dos "arquivos mortos" das escolas, ou guardada nos arquivos familiares, sem aparente importância para a história. Dependendo da linha historiográfica, estas fontes poderiam não ter lugar, mas para o paradigma atual e para as visões contemporâneas, tanto de história como de memória, vê-se nestas documentações um importante legado a ser preservado e refletido, resignificando até mesmo aquelas coisas cotidianas, os desenhos infantis, as fotos de classe, e boletins escolares...são memórias preservadas, cabe a nós dar a importância que merecem e imortalizá-las em nossos escritos de maneira responsável, com método e crítica.

## REFERÊNCIAS

A Traça n.1 - agosto/2020 - Cuidados para preservação de livros.  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/08/A-TRA%C3%87A-n1-12ago2020.pdf>

A Traça n.2 - set/2020 - Cuidados para preservação de fotografias.  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/09/A-Tra%C3%A7a-2.pdf>

A Traça n. 7 - abril/2021

Arquivos Escolares <http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2021/04/BoletimATra%C3%A7a-n.7-1.pdf>

A Traça n.5 - dezembro/2020 - Especial de Natal e arquivos familiares.  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/12/Boletim-de-Natal-ok-1.pdf>

A Traça n.4 - novembro/2020 - Centros de Memória  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/11/A-Tra%C3%A7a-n4.pdf>

A Traça n.8 - maio/2021 - Museus Escolares  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2021/05/Boletim-A-Tra%C3%A7a-n.8-2.pdf>

LE GOFF, Jacques. "Documento/Monumento" In **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2013, 7ª ed. Revisada.

BURKE, Peter. "Abertura- a nova história seu passado e seu futuro" in\_\_\_\_ A escrita da História-novas perspectivas. São Paulo UNESP, 1992.  
-BLOCH, Marc. "introdução", "1 capítulo" in\_\_\_\_ **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de janeiro: Zahar, 2001.

JENKINS, Keith, **A história repensada**. São Paulo, Contexto, 1991.

TOTSCH. Flávia e KARNAL. Leandro. Documento e História: A memória evanescente. In: PINSKY. Carla e LUCA. Tania. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto. 2011.

FRANÇA, Franciele. **UM INVENTÁRIO DE SABERES, UM REPERTÓRIO DE FAZERES: MODOS E PRÁTICAS DO OFÍCIO DE ENSINAR NA ESCOLA PRIMÁRIA DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉC. XIX (1856-1892)**. Curitiba: UFPR. 2009

ALMEIDA. Alice de. Algumas possibilidades no uso de fontes para a História da Educação. in: GONÇALVES. Nadia. **Histórias e Memórias Sobre Educação. Vol. II**. Curitiba: Setor de Educação - UFPR. 1ª ed. 2019.

# Equipe

## COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

## EQUIPE

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)

Carlos Wilson de Lima (Geografia)

Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)

Emanuel Diogo Lima dos Santos (História - Bolsista Extensão)

Isabella Aparecida Pinto Lopes (História - Bolsista Extensão)

Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia - Bolsista Extensão)

## CONTATO

E-mail: [historiadaeducacao@ufpr.br](mailto:historiadaeducacao@ufpr.br)

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

Diagramação: Moara Milléo

